

100 motivos para amar Vitória e comemorar seus 454 anos

Texto **CLAUDIA FELIZ** cfeliz@redgazeta.com.br

Não há quem não se deixe seduzir pela beleza de Vitória, capital do Espírito Santo e terceira mais antiga do país, fundada em 8 de setembro de 1551, depois de Recife (1548) e

Salvador (1549). Espremida entre o mar e a montanha, às vésperas de completar 454 anos ela mantém encantos de cidade-presépio, céu sempre azul, de gente hospitaleira, meio

metrópole, meio província. "Tu és Vitória, um sorriso de mulher", cantou Pedro Caetano. E é por tudo isso – e muito mais – que A GAZETA decidiu listar 100 motivos para amar a cidade.

Escolhemos também alguns personagens que, anonimamente, no seu cotidiano, a fazem ser o que é: uma delícia de ilha, como um dia muito bem a definiu a cronista Carmélia de Souza.

Pedacinho do paraíso

São inúmeras as imagens e muitos os sabores que fazem de Vitória um lugar especial para se viver ou visitar. Listamos 100. Exercite sua criatividade e acrescenta à lista outros itens, como forma de homenagear a Capital do Espírito Santo, que completará 454 anos no próximo dia 8.

1) Caminhar ao longo do calçadão que liga a Curva da Jurema à Praça dos Namorados, observando a beleza do lugar.

2) Contemplar a exuberância da Terceira Ponte, que se projeta sobre a Baía de Vitória, do píer localizado atrás do Shopping Vitória.

3) Curtir o clima de agito, à noite, no Triângulo das Bermudas, entre as ruas Joaquim Lyrio e João da Cruz, na Praia do Canto, e que reúne cerca de 15 bares e restaurantes.

4) Saborear uma moqueca de garoupa salgada com banana da terra no Restaurante Pirão, no Triângulo das Bermudas, na mesma Praia do Canto.

5) Ir à Praia do Suá e experimentar o autêntico sabor da moqueca capixaba, no Restaurante São Pedro, com mais de 50 anos de existência.

6) Depois de um dia estressante, **comer** um pastel crocante do Bar do Ceará, em Jucutuquara, acompanhado de cerveja bem gelada ou de uma de suas batidas de frutas. A delícia é servida

8) Fazer uma viagem exótica pelos sabores da comida libanesa do Restaurante Baruk, no Bairro República.

9) Degustar a comida japonesa do Sushi Mar, na Praia do Canto.

10) Sentir o sabor do pastel com caldo de cana saboreado em pleno Centro de Vitória, no tradicional Caldo Lyra.

11) Comer um bom churrasco no Coronel Picanha, em Jardim Camburi, um dos muitos restaurantes no verdadeiro "circuito das carnes" da cidade.

12) Comprar peixe e camarões frescos diretamente de pescadores da Colônia de Pesca Z5, da Praia do Suá.

13) Viver o agito frenético dos bares da Rua da Lama, em Jardim da Penha, abertos até de madrugada, onde se encontra o público jovem e "antenado" da Capital.

14) Ir à Banca do Japonês, na Chapot Presvot, Praia do Canto, numa manhã de sábado, de chinelo e bermuda, e começar a

com 220 lojas, sentindo o cheiro característico da peixaria, das bancas de verduras e tempero verde, e do mais tradicional comércio de produtos para umbanda e candomblé.

16) Observar as mãos ágeis das paneleiras, dando forma ao barro, em Goiabeiras.

17) Surpreender-se, na Curva do Saldanha, com um enorme navio navegando em direção ao Porto de Vitória, quando se está seguindo de carro pela Avenida Beira-Mar, em sentido contrário.

18) Caminhar na área interna do campus da Ufes, em Goiabeiras, ver o lago e, no planetário, assistir confortavelmente a uma simulação do espaço celeste.

19) Se a opção for pela observação natural do céu, no mesmo campus da Ufes é possível **ver** as crateras da lua e grande número de nebulosas através de um telescópio de ampla potência.

20) Ainda no campus de Goiabeiras, **assistir** a um filme independente, europeu, no Cine Metrôpolis.

montanha. O parque fica localizado no Maciço Central - região mais elevada do município -, tem 218 hectares e abriga remanescentes da Mata Atlântica e fauna diversificada.

22) Parar em meio ao vaivém frenético dos carros, em torno da Praça Costa Pereira, no Centro, e contemplar o Teatro Carlos Gomes, construído em 1927, cuja arquitetura foi inspirada no Teatro Scala, de Milão.

23) Na mesma Praça Costa Pereira, **sentar-se** num dos bancos e observar pessoas que transitam pelo local. Com sorte, pode-se encontrar um aposentado de bom papo, capaz de descrever a Vitória tranqüila, dos tempos dos bondes.

24) Dar um mergulho nas praias da Ilha do Boi, que fazem a gente alimentar o sonho de que Vitória ainda pode voltar a ter praias mais limpas.

25) Observar a beleza das pedras da Andorinha, que ficam perto da ponte da Ilha do Frade.

26) Ir ao Cais do Avião, construção de 1939, onde funcionou como uma das

26) Do mesmo cais, **partir** num passeio de escuna no circuito da Rota Manguezal, olhando a cidade no sentido água-terra.

27) Parar na Praia do Canto para ver, à noite, a Ponte da Ilha do Frade com seus pilares iluminados.

28) Olhar, da Ponte de Camburi, a leveza da Ponte Ayrton Senna, que liga a Praia do Canto a Jardim da Penha.

29) Sonhar com uma viagem al mare, enquanto se olha as lanchas ancoradas no late Clube do Espírito Santo.

30) Fazer um tour pelas lojinhas que vendem produtos de R\$ 1,99 no Centro e só comprar bugigangas.

31) Fazer o mesmo tour pelos camelôs, onde é possível comprar de imã de geladeira e boca de fogão até o mais recente lançamento de CD pirata.

32) Ir ao Parque Moscoso, tirar fotos no lambe-lambe, com direito a se equilibrar sobre a pequena ponte de concreto, em forma de

passarem pertinho da nossa cabeça.

34) No mesmo Parque da Pedra da Cebola, **circular** entre pavões, gansos e galinhas d'Angola, enquanto se exercita o corpo numa revigorante caminhada matinal.

35) Nos finais de semana, na área interna do campus da Ufes, em Goiabeiras, **fazer** um tour com as crianças para ver os macaquinhos, passarinhos e outros bichos que aparecem por lá. Subir nas árvores, andar de bicicleta, sentir-se no local como no quintal de casa.

36) Passar horas numa fila só para conhecer por dentro um navio ou submarino que aportou no Porto de Vitória.

37) Tirar do armário aquela blusa de frio própria para o clima de montanha, sempre que o vento sul soprar na cidade onde predomina dias de sol com céu sempre azul.

38) Visitar o Santuário de Santo Antônio, no bairro de mesmo nome, no lado Sul da cidade, e pegar o pãozinho abençoado

da Cruz, na Praia do Canto, e que reúne cerca de 15 bares e restaurantes.

4) Saborear uma moqueca de garoupa salgada com banana da terra no Restaurante Pirão, no Triângulo das Bermudas, na mesma Praia do Canto.

5) Ir à Praia do Suá e experimentar o autêntico sabor da moqueca capixaba, no Restaurante São Pedro, com mais de 50 anos de existência.

6) Depois de um dia estressante, **comer** um pastel crocante do Bar do Ceará, em Jucutuquara, acompanhado de cerveja bem gelada ou de uma de suas batidas de frutas. A de pitanga é imperdível!

7) Tomar um chope gelado, na pressão, no Restaurante Galpão, em Jardim da Penha

Coronel Picaia, em Jardim Camburi, um dos muitos restaurantes no verdadeiro "circuito das carnes" da cidade.

12) Comprar peixe e camarões frescos diretamente de pescadores da Colônia de Pesca Z5, da Praia do Suá.

13) Viver o agito frenético dos bares da Rua da Lama, em Jardim da Penha, abertos até de madrugada, onde se encontra o público jovem e "antenado" da Capital.

14) Ir à Banca do Japonês, na Chapot Presvot, Praia do Canto, numa manhã de sábado, de chinelo e bermuda, e começar a ler ali mesmo um exemplar de A GAZETA.

15) "Mergulhar", na Vila Rubim, um universo de coisas e pessoas,

seguindo de carro pela Avenida Beira-Mar, em sentido contrário.

18) Caminhar na área interna do campus da Ufes, em Goiabeiras, ver o lago e, no planetário, assistir confortavelmente a uma simulação do espaço celeste.

19) Se a opção for pela observação natural do céu, no mesmo campus da Ufes é possível **ver** as crateras da lua e grande número de nebulosas através de um telescópio de ampla potência.

20) Ainda no campus de Goiabeiras, **assistir** a um filme independente, europeu, no Cine Metrôpolis.

21) Do alto do Mirante da Cidade, no Parque da Fonte Grande, **tomar** um "banho de verde", contemplando Vitória, encravada entre o mar e a

Pereira, **sentar-se** num dos bancos e observar pessoas que transitam pelo local. Com sorte, pode-se encontrar um aposentado de bom papo, capaz de descrever a Vitória tranqüila, dos tempos dos bondes.

24) Dar um mergulho nas praias da Ilha do Boi, que fazem a gente alimentar o sonho de que Vitória ainda pode voltar a ter praias mais limpas.

25) Observar a beleza das pedras da Andorinha, que ficam perto da ponte da Ilha do Frade.

26) Ir ao Cais do Avião, construção de 1939, onde funcionou como uma das primeiras ligações aéreas de Vitória com outras capitais do país, localizada em Santo Antônio, e saborear um peixe no Restaurante Mar e Terra.

29) Sonhar com uma viagem al mare, enquanto se olha as lanchas ancoradas no late Clube do Espírito Santo.

30) Fazer um tour pelas lojinhas que vendem produtos de R\$ 1,99 no Centro e só comprar bugigangas.

31) Fazer o mesmo tour pelos camelôs, onde é possível comprar de imã de geladeira e boca de fogão até o mais recente lançamento de CD pirata.

32) Ir ao Parque Moscoso, tirar fotos no lambe-lambe, com direito a se equilibrar sobre a pequena ponte de concreto, em forma de tronco de árvore.

33) Sentar no Parque da Pedra da Cebola, em cima da pedra, olhar para o céu e ver os aviões

outros bichos que aparecem por lá. Subir nas árvores, andar de bicicleta, sentir-se no local como no quintal de casa.

36) Passar horas numa fila só para conhecer por dentro um navio ou submarino que aportou no Porto de Vitória.

37) Tirar do armário aquela blusa de frio própria para o clima de montanha, sempre que o vento sul soprar na cidade onde predomina dias de sol com céu sempre azul.

38) Visitar o Santuário de Santo Antônio, no bairro de mesmo nome, no lado Sul da cidade, e pegar o pãozinho abençoado distribuído no dia do santo.



A20415.2

39) Ir até a Cidade Alta e olhar cada detalhe da Catedral Metropolitana de Vitória, construída entre 1920 e 1970, em estilo neogótico, cujos vitrais, originários da França, foram doados por importantes famílias capixabas.

40) Ao sair da Catedral, **sentir-se** numa cidade interiorana, diante do chafariz e do pequeno jardim da Praça Dom Luiz Fernando Scortegagna, construída na década de 20.

41) Andar pelas ruas da Cidade Alta e fazer uma viagem no tempo, rumo ao passado da Capital do Espírito Santo.

42) Caminhar pela Cidade Alta e observar a beleza do Palácio Anchieta, edificado desde o Século XVI, sede do Governo do Estado. A obra dos jesuítas guarda o túmulo simbólico do padre José de Anchieta.

43) Debruçar-se sobre uma das amuradas da Escadaria Bárbara Lindenberg, em frente ao Palácio Anchieta, e ver, lá em baixo, o vaivém dos carros e a movimentação do Porto de Vitória, com imensos navios ancorados.

44) Ir ao Horto de Maruípe e caminhar sob a sombra das árvores.

45) Ir ao aeroporto com as crianças numa manhã de sábado, mesmo sem viagem marcada, só para que elas possam ver de perto os aviões decolando.

46) Subir literalmente o morro para participar do clima descontraído do Femusquim, o festival de música de botequim que acontece todos os anos no Morro dos Alagoanos, promovido por Raimundo de Oliveira. Amante de Vitória, um bate-papo descontraído com Raimundo, por si só, vale uma visita ao local.

47) Curtir uma noite de jazz, ao vivo, nos quiosques da Curva da Jurema.

48) Permitir-se ter contato direto com a periferia e assistir ao pôr do sol do pier que margeia Mangue Seco, antiga favela de palafitas, próximo à Ponte da Passagem.

49) Ir à Ilha das Caieiras para comprar, direto das mãos das desfiadeiras, o siri fresquinho do lugar.

50) Parar num dia de sol forte para saborear um picolé de fruta natural na Kiabai de Jardim da Penha ou na sorveteria Sal e Mel, de Jucutuquara.

51) Subir a Escadaria São Diogo, que faz a ligação entre as partes baixa e alta da cidade, onde existem casarios antigos como as duas casas da Rua José Marcelino, últimos sobrados remanescentes do período colonial. As casinhas com a data de construção gravada no alto da porta são um charme.

57) Olhar, da Curva do Saldanha, na Avenida Beira-Mar, a beleza do Penedo, com 136 metros de altitude, localizado na baía de Vitória. A exuberante rocha fica no município de Vila Velha, mas é de Vitória, principalmente à noite, por causa da iluminação direta, que se tem dela uma visão privilegiada.

58) Romper com o lazer convencional e ir ao Museu de Artes do Espírito Santo, na Avenida Jerônimo Monteiro, no Centro, que dispõe do maior acervo de artes moderna e contemporânea do Espírito Santo.

59) Passar pela Ponte Florentino Avidos, mais conhecida como Cinco Pontes, tentando imaginar a logística aplicada na sua construção, em 1928, quando a estrutura metálica, comprada pronta na Alemanha, foi montada para garantir a ligação entre Vitória e Vila Velha.

60) Ver a hora certa num dos quatro relógios da torre de 16 metros de altura da Praça Oito de Setembro, no coração da cidade. A praça é famosa como local de manifestações políticas, como a Diretas Já, em 1984, e a defesa pelo impeachment do presidente Fernando Collor, em 1992.

61) Lembrar do tempo em que Vitória tinha como meio de transportes os bondes, indo ao Viaduto Caramuru, na Cidade Alta, construído em 1929 e que preserva características arquitetônicas originais, como os trilhos da linha férrea.

62) Saborear as tortas de banana e de cacau, servidas, respectivamente, nos restaurantes naturais Sol da Terra, no Centro, e Cio da Terra, em Jardim da Penha. Ambas, feitas com açúcar mascavo.

63) Ir à feirinha da Praça dos Namorados, que fica de frente para o mar, na Praia do Canto, num fim de tarde de sábado ou domingo, e dar vazão ao desejo de comprar artesanato e comidas típicas.

64) Ir às compras no Shopping Vitória e ter a sensação de que a Capital virou "cidade grande".

65) Curtir um cineminha numa das salas do Shopping Norte-Sul

66) Contratar uma pequena embarcação, no pier da Ilha das Caieiras, para conhecer a Estação Ecológica Ilha do Lameirão, na Baía Noroeste de Vitória, próximo à foz do Rio Santa Maria da Vitória e poder contemplar a beleza do manguezal.

67) Comer moqueca ou torta capixaba no restaurante Teresão, na Ilha das Caieiras.

68) Saborear uma massa caprichada no Restaurante Oriundi, em Santa Lúcia, com tiramisú de sobremesa.

69) Tomar um vinho no wine bar do Restaurante Aleixo, na Praia do Canto.

79) Comer no mínimo o bolinho de bacalhau no Restaurante Lareira Portuguesa.

80) Subir o Morro do Cruzeiro, na Praia do Canto, e lá do alto observar a enseada formada pelas ilhas do Frade e do Boi e toda a Zona Norte da cidade.

81) Fazer uma caminhada até o alto do Morro da Gameleira, em Santa Lúcia, para ver mais de perto o Mestre Álvaro, na Serra e toda a paisagem que se descortina de seu alto.

82) Visitar as igrejas históricas do Centro de Vitória - São Gonçalo e São Benedito - e ainda Capela de Santa Luzia.

83) Para os estômagos acostumados, parar para o happy hour no Bar do Gegê, em frente à ladeira São Bento, no Centro, e experimentar a língua de boi assada, especialidade do botequim, onde é possível esbarrar em sambistas da velha guarda capixaba, como o famoso Edson Papo Furado.

84) Sujar bem os dedos e a boca saboreando o caranguejo do Bar Copa 70, em Jucutuquara.

85) Assistir a uma regata na Baía de Vitória e ver a vibração dos remadores ao cruzarem a linha de chegada.

86) Na Festa de São Pedro, observar, da Beira-Mar, da procissão marítima com as embarcações enfeitadas, em meio a Baía de Vitória.

87) Participar da Procissão de Nossa Senhora da Boa Morte, em agosto, na Cidade Alta, e se emocionar com a fé dos membros da centenária arquiconfraria que rende homenagens à santa.

88) Sair de barco com um catraeiro, do antigo Cais das Barcas, na Beira-Mar, e fazer um tour pela baía, passando bem pertinho dos imensos navios parados no Porto de Vitória.

89) Acenar, da Avenida Beira-Mar, para turistas ou marinheiros a bordo de navios que zarparam da cidade.

90) Parar para ver a mangueira repleta de frutos, plantada no canteiro central da Avenida Rio Branco.

91) Pedir "tudo na tábua" no Ted's Chip, em Tabuazeiro e torcer para ser sorteado com a gratuidade da conta, à meia-noite.

92) Ver a lua nascer da Praça do late Clube, na Praia do Canto.

93) Andar pela cidade e cumprimentar e ser cumprimentado por um monte de gente, como numa cidade do interior.

94) Conhecer as lojas de vestidos de noiva do Parque Moscoso, mesmo que não esteja com casamento marcado.

VITALIDADE E ALEGRIA



FOTO: Nestor Müller

Quem olha João Santana do Nascimento remando seu barco e transportando passageiros, diariamente, na Baía de Vitória, não imagina que todo aquele vigor é de um homem de 82 anos. Seu João é o catraeiro mais antigo dentre os 13 que mantêm a tradição nesse tipo de transporte, entre o Centro da Capital e Paul, em Vila Velha. São 45 anos de catraia, revelados com alegria por esse homem que, aos 22 anos, trabalhou na construção do Aeroporto de Vitória, e que se orgulha de ilustrar, como catraeiro, um cartão telefônico da Telemar. Das 7 horas ao meio-dia, transporta até 30 pessoas, remando, rindo e contando histórias. "Para mim, isso aqui é uma distração", diz o velho remador.

VERDADEIRO ILHÉU

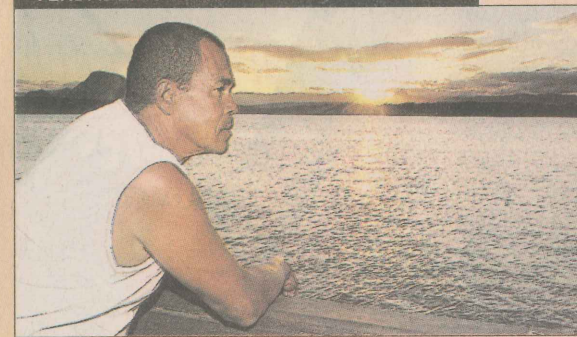


FOTO: Fábio Vicentini

Ele nasceu na Ilha das Caieiras há 53 anos. E é ali que vive com sua família, pescando camarão e peixes como tainha e robalo, diariamente, e vendendo os produtos transformados em pratos saborosos num pequeno restaurante de sua propriedade. Rogério Leonel da Silva, mais conhecido como "Pirão", sem modéstia, não tem dúvidas de que o pôr do sol na Ilha das Caieiras é o mais bonito, dentre todos no mundo. "Muita gente que é moradora de Vitória não conhece esse lado de cá da ilha", diz ele, que chega a pescar até 30 quilos de peixe no local, diariamente. "Existe coisa melhor do que poder comer o que se pesca praticamente no quintal de sua casa?", pergunta.

PASTELEIRO COM CLIENTELA FIEL



FOTO: Gildo Loyola

Yukinobu Maruyama é o seu nome, mas pode chamá-lo de Eugênio. É assim que o dono da barraca de pastel e caldo de cana mais frequentada da Feira Livre de Jardim da Penha, é conhecido. Há 47 anos no Brasil, o japonês Yukinobu é feirante há 27 e há mais de 20 serve no local a clientes como o casal Pedro Maia e Maria do Carmo. "Até quando recebemos visitas as trazemos para tomar caldo e comer pastel no Eugênio aos sábados. Virou hábito", diz Maia. Entre 6 horas e 10h30, o japonês vende mil pastéis. Outro cliente fiel é o professor José Ailton Batista, especialista em gestão. "Eugênio pratica melhoria continuada no seu negócio, daí o seu sucesso", diz, elogiando o discreto oriental.

51) Tomar um café expresso no Centro da Praia, na Praia do Canto, o primeiro shopping center da cidade, construído na década de 80.

52) Caminhar de manhã, cedinho, com os pés descalços, próximo à água, na Praia de Camburi.

53) Manhã de domingo, pegar uma varinha de pescar e debruçar-se numa das amuradas da ilha - na Beira-Mar, nas pontes de Camburi ou Ayrton Sena -, e ficar ali, pacientemente, à espera pela captura de ao menos um peixinho.

54) Mergulhar no túnel do tempo e ter contato direto com livros, jornais, revistas e fotografias sobre o Espírito Santo, no Arquivo Público Estadual. Inaugurado em 1920, o prédio funciona na Cidade Alta.

55) Num momento cult, comprar algumas obras em livrarias como a Logos, em Bento Ferreira, a Ceciliano, a Livrolux e a Leitura, no Shopping Vitória, ou a mais recente loja do gênero na Capital, a La Selva, na Avenida Rio Branco.

56) Tomar um bom caldo de cana, comer pastel e comprar flores, numa manhã de sábado, na Feira Livre de Jardim da Penha.

70) Dar vazão ao consumismo e fazer compras nas lojas da Rua Aleixo Neto, circuito fashion chic da cidade.

71) Comer um churrasquinho na feira da pracinha de Jardim da Penha, na sexta-feira à noite.

72) Participar de um luau na praia da direita da Ilha do Boi, com fogueira e tudo.

73) Andar de carro à noite perto da Cruz do Papa, porque a iluminação é linda

74) Comer um peroá frito num quiosque da Curva da Jurema.

75) Degustar o yakissoba do Quiosque Yakissoba Guzzi, na Praia de Camburi.

76) Ir até a Loja Flor de Maio, na Praça Oito, escolher um belo chapéu Panamá e sair, descontraidamente, caminhando pela Avenida Jerônimo Monteiro.

77) Fazer uma caminhada até a Pedra dos Olhos, que parece observar, lá de cima, a vida da cidade a seus pés.

78) Tomar chope e comer o carpaccio no happy hour do Spetacollo

95) Quando fevereiro chegar, desfilar no Sambão do Povo, defendendo as cores de uma das escolas de samba da cidade.

96) Saborear uma água de coco ligeiramente gelada num dos quiosques da Praia de Camburi.

97) Ouvir o tinguilim-tinguilim, som característico emitido pelo vendedor de quebra-queixo e sair correndo para comprar uma fatia da delícia de coco que lembra a infância.

98) Parar em plena Avenida Nossa Senhora da Penha e ver, ao longe, lá em Vila Velha, o imponente Convento da Penha.

99) Surprender-se com uma carroça em pleno congestionamento de trânsito de automóveis, na Praia do Canto.

100) Falar pocar, para dizer estourar, e taruira, para se referir a uma lagartixa, e sentir gastura ao ouvir, por exemplo, o som do giz arranhando o quadro-negro.

“Delícia de Ilha”



SOM E MAR



FOTO: Edison Chagas

Nos domingos, gente de todos os cantos da ilha aporta na Curva da Jurema, em busca de cerveja, sol e mar. Mas, nas noites de segunda-feira, quem domina o espaço é o jazz. É ali, nos quiosques Plataforma 16 e Duda's, que há seis anos o som que nasceu com os negros americanos embala um público ávido por boa música. Um dos grupos que se exhibe no local é o Nota Jazz, formado por Antônio Paulo (sax), Mário Ruy (bateria), Chriso Rocha (guitarra) e Fernando Rueda (baixo). "Algo assim não acontece em lugar nenhum do Brasil", diz Mário Ruy. Mas a Curva não é só jazz. Na quinta-feira tem som eletrônico, na quarta, hip-hop, na sexta, blues. Ah!, e no sábado, MPB.

MANTENDO A TRADIÇÃO



FOTO: Gildo Loyola

Pergunte a dona Laurinda Alves Lucidato, 95 anos, se ela sabe o que é tristeza. Sorriso aberto, a mais antiga panelreira de Goiabeiras, mãe de dez filhas, avó de mais de 50 netos e de dez tataranetos, ainda molda com o barro peças que chegam à mesa de muita gente. Dona Laurinda lembra bem do tempo em que as panelas de barro seguiam de canoa, de Goiabeiras, direto para o Mercado da Capixaba. Suas filhas Adelaide, 65, e Laureci, 59, assim como algumas de seus netos, mantêm a tradição que vem desde a bisavó de dona Laurinda. "Não existe panela que dê a comida sabor melhor do que a feita com barro", garante a velha panelreira.

PARA TODOS OS MALES



FOTO: Gildo Loyola

Em meio a mais de 30 variedades de ervas, sem saber contar a quantidade de maços que o cercam na pequena loja do Mercado da Vila Rubim, está seu Jorge do Nascimento, 75 anos, o comerciante mais antigo do lugar. Aos 25 anos de idade, foi dono de uma banca de verduras no antigo Mercado da Capixaba, na Esplanada Capixaba. Mas, quando a Ceasa surgiu, sentiu o peso da concorrência e mudou de ramo, passando a ser o que é até hoje: um raizeiro, desses que indicam a erva certa para a queixa do cliente. "Sou freguês de Jorge desde o Mercado da Capixaba", diz o advogado aposentado Ovídio Moreira, 74, em busca de ipê roxo, que julga ser bom para combater uma diverticulite.